

EMPOWERMENT DE PROFESSORES E ALUNOS POR MEIO DA PEDAGOGIA DO ESPORTE

Mesaque Silva Correia¹

Universidade Federal do Piauí

RESUMO:

O objetivo deste ensaio científico é de suscitar algumas reflexões inerentes à possibilidade de estruturação de um processo de *empowerment* de professores e alunos por meio da Pedagogia do Esporte. Para tanto, busca apoiar-se em um arcabouço teórico que possibilita pensar o ensino dos esportes para além das linhas da quadra e das regras do jogo, mas como um conteúdo que pode auxiliar no desenvolvimento social, moral, político e cognitivo dos alunos. Destaca-se que a prática esportiva, enquanto manifestação corporal hegemônica nas aulas de Educação Física, poderá se constituir em um caminho para o processo de *empowerment* de professores e alunos. Conclui-se que o *empowerment* de alunos depende do *empowerment* do professor, uma vez que os processos de empoderamento então intimamente ligados a processos educativos em que a ação dialógica não exclui o debate e o conflito. Ao contrário, o debate e a problematização quanto aos usos do fenômeno esportivo no ambiente escolar, faz com que professores e alunos compreendam a inserção histórica passada, presente e futura do esporte na quadra de aula, e sintam-se motivados e capazes para retroalimentá-lo.

PALAVRAS - CHAVE: Esporte, *Empowerment*, Alunos, Professores.

¹ Mestre (2010) e Doutor (2013) em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu - SP; Especialista em Educação Física Escolar (2016) pelo Instituto Brasileiro de Atuação no Ensino Superior e Pós- Graduação - IBAESP; Licenciado em Educação Física pelo Centro de Ensino Superior do Amapá - CEAP (2016); Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amapá (2008). Pedagogo pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá - IESAP (2009). Atualmente é professor da Universidade Federal do Piauí-UFPI, atuando nos cursos de graduação de Licenciatura em Educação Física e Pedagogia. No curso de licenciatura em Educação Física atua com os componentes curriculares de “Metodologia do Ensino da Educação Física e Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar”. No curso de Pedagogia com o componente curricular de “Metodologia do Ensino da Educação Física”. Seus olhares voltam-se principalmente para os seguintes temas: Metodologia do Ensino da Educação Física; Gênero, corpo e sexualidades; Educação Física no contexto da Educação de Jovens e Adultos e no contexto da Educação Escolar Indígena; Educação e Violência; Exclusão Social; Educação Popular; Educação Cultural, Multicultural e Intercultural; Metodologias Qualitativas participativas no âmbito das Ciências Sociais e Humanas. Estudioso do Legado do educador Paulo Freire. E-mail: mesaquecorreia@bol.com.br

EMPOWERMENT OF TEACHERS AND STUDENTS THROUGH SPORTS PEDAGOGY

ABSTRACT:

The objective of this scientific essay is to elicit some reflections inherent to the possibility of structuring a process of empowerment of teachers and students through the Pedagogy of Sport. To do so, it seeks to build on a theoretical framework that makes it possible to think of sports teaching beyond the lines of the court and the rules of the game, but as a content that can aid in the social, moral, political and cognitive development of students. It should be emphasized that sports practice, as a hegemonic body manifestation in Physical Education classes, could constitute a path to the process of empowerment of teachers and students. It is concluded that the empowerment of students depends on the empowerment of the teacher, since the processes of empowerment are then closely linked to educational processes in which the dialogic action does not exclude debate and conflict. On the contrary, the debate and the problematization of the uses of the sport phenomenon in the school environment, make teachers and students understand the past, present and future historical insertion of the sport in the classroom, and feel motivated and able to feed them.

KEY WORDS: Sport, *Empowerment*, Students, Teachers.

EMPOWERMENT DE PROFESORES Y ALUMNOS POR MEDIO DE PEDAGOGÍA DEL DEPORTE

RESUMEN:

El objetivo de este ensayo científico es de suscitar algunas reflexiones inherentes a la posibilidad de estructuración de un proceso de empoderamiento de profesores y alumnos por medio de la Pedagogía del Deporte. Para ello, busca apoyarse en un marco teórico que posibilita pensar la enseñanza de los deportes más allá de las líneas de la cancha y de las reglas del juego, sino como un contenido que puede auxiliar en el desarrollo social, moral, político y cognitivo de los alumnos. Se destaca que la práctica deportiva, como manifestación corporal hegemónica en las clases de Educación Física, podrá constituirse en un camino para el proceso de empoderamiento de profesores y alumnos. Se concluye que el

empoderamiento de alumnos depende del empoderamiento del profesor, ya que los procesos de empoderamiento entonces íntimamente ligados a procesos educativos en que la acción dialógica no excluye el debate y el conflicto. Por el contrario, el debate y la problematización en cuanto a los usos del fenómeno deportivo en el ambiente escolar, hace que profesores y alumnos comprendan la inserción histórica pasada, presente y futura del deporte en la cancha de clase, y se sienten motivados y capaces para retroalimentarla.

PALABRAS - CLAVE: Deporte, *Empowerment*, Alumnos, Profesores.

INTRODUÇÃO

A articulação entre Educação Física e Ciências Humanas anuncia a construção de variadas abordagens pautadas em análises culturais. Crítico-emancipatório; Crítico-superador; Plural e Socioculturais são alguns exemplos de abordagens para a prática da Educação Física escolar. Contudo, quase sempre as referidas abordagens ficam muito mais no plano retórico do que na sua efetivação na quadra de aula. Como enfatiza Tani (2002), as propostas pedagógicas desenvolvidas ao longo do tempo e que buscaram superar a educação tradicional na área da Educação Física, até o presente momento pouco conseguiram alterar nas práticas realizadas.

À sombra desse pensar, fica cada vez mais nítido que o ensino da Educação Física escolar tem, ao longo do tempo cumprido com maestria o processo de padronização das experiências corporais dos alunos e de moldagem de produção de significados, uma vez que as formas de ensino dos conteúdos da cultura corporal na maioria das vezes têm sido trabalhadas desvinculadas das necessidades humanas, assim como do mundo vivido pelos alunos.

Vago (1993, p.38) sintetizou os significados, as influências e a função social a respeito da concepção assumida pela Educação Física escolar desde suas origens:

Onde se lê formação geral, entende-se adestramento. Onde aparece seres humanos, subentende-se mão-de-obra. Finalmente acrescenta-se a saúde e a força, proveniente da

influencia médica e militar, e a função social que lhe foi atribuída. Tem-se, então, a sua concepção traduzida — elemento essencial para o adestramento de mão-de-obra para a indústria capitalista emergente.

Dessa forma, a Educação Física escolar tem produzido discursos muitas vezes contraditórios e incoerentes em sua prática, que coloca em jogo visões de homem e sociedade, além de estar sempre voltada para interesses da época. Resende (1994) é categórico ao afirmar que não podemos analisar e ajuizar as concepções da Educação Física no processo da educação escolar desvinculadas do momento político-social no qual elas surgiram. Isso porque a cada período histórico se exige uma redefinição da ordem vigente e, conseqüentemente, “novos” pressupostos educacionais e concepções são formulados.

Não há dúvida que, do ponto de vista político-social, o processo educacional esteve e está entrelaçado aos contornos exigidos pela ordem social vigente em cada momento histórico. O que se torna preocupante no caso do ensino da Educação Física no ambiente escolar é que, historicamente, a luta dos profissionais da área para sua legitimação dentro do processo educacional, que deu origem à criação da lei 5.692/71 e que tornou obrigatória a Educação Física no ensino escolar, tem se limitado à institucionalização ou legalização da disciplina, quando a busca dos profissionais da área deveria focar na construção de elaborações teórico-práticas que a justificasse pedagogicamente e fossem vivenciadas no interior das instituições escolares (RESENDE, 1994; GRESPAN, 2012; CORREIA, 2013).

Ao discutir sobre o ensino da Educação Física escolar, Neira (2011) postula que, em grande parcela das escolas, há muito tempo o currículo em vigor sofre questionamentos, pois dá tratamento privilegiado tanto ao ensino do esporte como um fim em si mesmo quanto aos elementos provenientes da cultura dominante.

Betti (1999), já salientava que o esporte é o caminho mais utilizado pelos professores de Educação Física para a difusão do movimento corporal na escola, tanto no Ensino Fundamental como no Médio. No estudo desenvolvido

pela pesquisadora, somente as modalidades esportivas futsal, basquetebol e voleibol fazem parte do conteúdo das aulas de Educação Física. Outras modalidades, como o atletismo e a ginástica artística raramente são desenvolvidas, embora os currículos que formam os professores incluam diversas disciplinas, como dança, capoeira, judô, atividades expressivas, ginástica, folclore e outras, que variam de acordo com a matriz curricular de cada instituição.

Em decorrência disso, o que se observa é que a escola, mesmo tendo assumido o ensino do esporte praticamente como única estratégia e conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física, quase sempre reproduz a realidade do esporte de alto rendimento. Assim, esse conteúdo deixa de receber tratamentos pedagógicos. Assim sendo, questiona-se:

De que forma a Pedagogia do Esporte pode constituir-se em uma via para o processo de empowerment de professores e alunos?

Para responder o referido questionamento nos apropriaremos dos pressupostos teóricos e metodológicos do ensaio científico que segundo Rodríguez (2012) se constitui em um texto de caráter crítico sobre certo debate ou questão de ordem científica, em que as reflexões são feitas pela via do posicionamento crítico.

Portanto, as ponderações aqui apresentadas têm o objetivo de suscitar reflexões inerentes à possibilidade de estruturação de um processo de *empowerment* de professores e alunos por meio da Pedagogia do Esporte. Uma vez que a prática do esporte, por sua função incontestável no seio da escola, necessita superar o processo esportivo reprodutor e apoiar-se em uma concepção que insira o movimento humano no mundo vivido do educando e o problematize de forma contextualizada para se tornar significativo e, por extensão, uma via de acesso à conscientização social, política e corporal dos alunos. Como bem enfatiza Freire (2009), a problemática da Pedagogia do Esporte encontra-se frequentemente no íntimo daqueles que seriam

encarregados de praticar a pedagogia nessa área da cultura humana. Mas para o referido autor, os professores incumbidos de ensinar esportes não se sentem suficientemente convencidos de que é possível fazê-lo.

São estas as reflexões que apresentamos neste texto, com o objetivo de compartilhá-las e vê-las questionadas ou enriquecidas. Queremos defender a necessidade de identificar os elementos constituintes de nossa identidade profissional, para construí-la de forma que o empoderamento latente em nossas atividades práticas seja respaldado por um discurso pedagógico sólido, dado que até o momento não conseguimos manter a Educação Física Escolar como uma disciplina a não ser pela força da lei.

AMPLIANDO A PROBLEMÁTICA

Em uma das aulas do curso de Doutorado em Educação Física, o professor Doutor Hugo Rodolfo Lovisolo nos apresentou um texto denominado “SOCIOLOGIA DO ESPORTE: conversando com os alunos” — que escreveu como homenagem à contribuição intelectual e pessoal do professor Manoel Tubino. Duas das perguntas geradoras do referido texto eram: Como nos comunicar com os jovens? Com qual linguagem, ou retórica, para estimular o profissional ou aluno ao estudo e à reflexão sobre os diversos enfoques do esporte e da Educação Física, oriundos das Ciências Sociais e da História?

É claro que no decorrer do texto encontramos apenas indícios que nos levaram a possíveis respostas, que foram construídas também pelas nossas experiências de vida, intuição e reflexão, devidamente respaldadas por nossas teorias de base.

Assim sendo, foi inevitável não corroborar as ponderações do texto a nós apresentado no qual afirmava que no contexto da sociedade pós-moderna vive uma juventude utilitária, ansiosamente interessada no conhecimento das técnicas estreitamente vinculadas à atuação profissional, mais entusiasmada no aprender a fazer do que no aprender a ser, na medida em que produz conhecimento de forma direta ou indireta.

Se pararmos para pensar por um instante na dinâmica da sociedade do século XXI, em que o aglomerado de informações e as exigências que nos são impostas pelas diversas indústrias capitalistas, e neste contexto social visualizarmos a massificação das ideologias das compensações e dos benefícios, podemos então dizer que tais características podem respaldar uma possível explicação do caráter utilitário atribuído ao ensino.

Entretanto, para Lovisolo (2010) quando Galileu usou o telescópio para descrever a geografia da lua ou os satélites de Júpiter não estava nem um pouco interessado na utilidade. Até porque, seria difícil demonstrar o interesse utilitário de Newton e mesmo de Darwin. O autor conclui que esses gigantes tinham o espírito infantil do descobridor, de se assombrar com as descobertas, de se permitir a surpresa frente ao diferente. Diante dessa analogia, conclui Lovisolo que as ciências de modo geral, e as sociais em particular, perdem alguma coisa importante quando esse espírito desaparece totalmente.

Quando o conteúdo de um determinado componente curricular ganha o caráter apenas de utilidade, podemos afirmar que o conhecimento que historicamente foi construído e que justifica a sua presença na matriz curricular escolar, torna-se um produto que, por sua vez, apenas serve para ser intelectualmente apreciado. O que pode justificar as ponderações de Tani (2002), quando é enfático na afirmação de que os conhecimentos produzidos na área da Educação Física quase sempre não chegam ao solo da escola, são apenas intelectualmente apreciados. Sendo assim, contribuem muito pouco para mudanças mais incisivas na prática.

A literatura específica da área da Educação Física nos chama a atenção por denunciar a falta de trato pedagógico atribuído ao conteúdo esporte no decorrer das aulas. Autores como Darido e Junior (2010), relatam que as críticas à presença do esporte de rendimento na escola têm feito com que os professores de Educação Física limitem o seu papel ao oferecimento de uma bola para que os alunos a manejem da maneira como desejarem.

A prática do “rolar a bola”², é bastante condenável pelos autores acima citados, pois não leva em consideração os conteúdos historicamente construídos inerentes ao fenômeno esportivo, muito menos se agrega qualquer procedimento pedagógico. Ao dialogar sobre a prática do “rolar a Bola”, Darido e Junior (2010), esclarecem que esse modelo não foi elaborado por professores, estudiosos ou acadêmicos. Ainda que seja uma prática corriqueira na quadra de aula, provavelmente tenha emergido de interpretações equivocadas e das condições de formação e trabalho do professor.

Faz-se importante compreender que, na ausência de trato pedagógico, a prática esportiva na quadra de aula elimina o espírito infantil do aluno e o esporte deixa de se constituir em uma ferramenta educacional, em que as regras institucionalizadas são ressignificadas para que a capacidade de se assombrar com as descobertas e de se surpreender diante do diferente se torne um meio para se romper com o caráter utilitário ou mecânico do ensino.

Segundo Kunz (2006), para que o professor de Educação Física compreenda essa natureza espiralada da prática esportiva e faça dela objeto de aprendizagem sistemática e formal intencionada pela escola, que se traduza em uma linguagem complementar às demais presentes no solo da escola e por elas seja complementada no interior do sistema das relações em que se empenham corpos capazes da linguagem da ação e da ação da linguagem, é preciso ter claro qual é o objeto de estudo da Educação Física, e, posteriormente, relacioná-lo a um ensino do esporte que realmente seja significativo para o aluno e para a sua formação social.

Para Betti (1992), o objeto de estudo da Educação Física é a cultura corporal de movimento, o material pedagógico da Educação Física escolar é o corpo e o movimento, sendo que o professor deve proporcionar ao aluno momentos de autênticas experiências de movimento.

² Momento em que os alunos apenas praticam alguma modalidade esportiva, geralmente o futsal ou voleibol sem qualquer interferência pedagógica.

Em razão disso, não se deve estruturar um processo educativo desvinculado da realidade escolar e do mundo vivido pelo aluno, o ensino das práticas esportivas deve ser contextualizado, ancorado no diálogo crítico e criativo. Crítico, no sentido de ampliar o significado das regras institucionalizadas para regras mais significativas e dialógicas, adquirindo novos significados para o aluno. Criativo, enquanto capaz de formar um novo homem, com uma visão de mundo que impulse a vida autônoma, como bem pontua Kunz (2006, p. 31):

Uma teoria pedagógica no sentido crítico-emancipatório precisa, na prática, estar acompanhada de uma didática comunicativa, pois ela deverá fundamentar a função do esclarecimento e da prevalência racional de todo o agir educacional. E uma racionalidade com o sentido do esclarecimento implica sempre uma racionalidade comunicativa. Devemos pressupor que a educação é sempre um processo no qual se desenvolvem “ações comunicativas”. O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica.

Portanto, a Educação Física é responsável pelo estudo e pela ampliação do mundo do movimento humano pois, antes de qualquer coisa, o homem é movimento e o movimento é comunicação (OLIVEIRA, 1992).

Como afirmamos em outros momentos, a cultura corporal de movimento é o objeto de estudo da Educação Física, mas não é raro no interior das escolas encontrarmos professores de Educação Física ministrando aulas que se constituem em verdadeiros rituais a serem seguidos, desenvolvidas através de uma educação diretivista, para não revelarem o medo que têm de problematizar e dialogar sobre as atividades propostas. Para tal, justificam que “problematizar” e “dialogar” são perdas de tempo, fazendo adormecer a sua capacidade crítica e, conseqüentemente, a do educando (CORREIA; MIRANDA; VELARDI, 2011). No entanto, como afirma

Freire (1996, p. 55) “o diálogo e a problematização não adormecem a ninguém. Conscientizam e empoderam”.

EMPOWERMENT DE PROFESSORES E ALUNOS POR MEIO DA PEDAGOGIA DO ESPORTE

Empowerment é um termo polissêmico que pode ser compreendido de diversas maneiras e o seu significado ganha contornos dependendo da posição, dos interesses políticos e ideológicos de quem dele se apropria. Em termos conceituais a literatura especializada apresenta duas vertentes teóricas: a primeira diz respeito a ações filantrópicas que exercem o papel político de ajustamento estrutural, com o objetivo de integrar os atores sociais ao sistema capitalista. A segunda vertente, com a qual comungamos, faz a opção política por defender a autodeterminação de indivíduos e comunidades, com o objetivo de participação efetiva na busca da democracia e equidade, em que o profissional assume o papel importante na mediação de processos propulsores do empoderamento individual e coletivo (KLEBA; WENDAUSEN, 2009). Entretanto, para que não perca sua consistência e propositura no contexto da realidade da Educação em geral e, em particular, da Educação Física escolar, segue seu fio condutor, que é o de fazer com que os sujeitos, coletivamente, apoiados ou não pelo Estado, encontrem caminhos para a efetivação de um processo educativo que não lhes restrinja a liberdade.

Para Laverack e Labonte (2000), *empowerment* pode ser compreendido como o meio pelo qual as pessoas adquirem maior controle sobre as decisões que afetam as suas vidas; ou como um processo de mudanças em direção a uma maior igualdade nas relações sociais de poder. No caso da Educação Física escolar, o *empowerment* de professores e alunos tem consequências diretas no processo de estruturação e significação da disciplina no ambiente escolar. Além disso, o conteúdo esporte, que no decorrer da história da Educação Física tornou-se hegemônico nas aulas,

ganha um trato pedagógico que faz uso de uma abordagem *bottom-up*³ – surge do solo da escola, ancorado nas vivências corporais dos alunos e nos significados a elas atribuídos, contrapondo-se a práticas educativas verticalizadas e diretivas, *top-down*⁴ – que chegam ao solo da escola desvinculadas das vivências corporais dos alunos e desatreladas de significados por eles atribuídos. A prática esportiva realizada por intermédio da abordagem *top-down* é trabalhada mediante regras institucionalizadas, e a ação pedagógica é centrada na esportização que objetiva a formação de atletas.

Desse modo, o professor de Educação Física ao pautar o ensino dos esportes na abordagem *top-down*, de forma consciente ou não, massifica o imobilismo do pensamento, a reprodução do movimento e a disciplina do corpo (CORREIA; MIRANDA; VELARDI, 2011).

Por essa razão, militamos aqui pela estruturação de uma ação educativa que objetive o *empowerment* individual e coletivo dos agentes envolvidos no processo educativo. Pois uma proposta educacional, cuja premissa é a capacitação comunitária para reconhecimento de suas necessidades e tomadas de decisões, leva os sujeitos à reflexão individual e coletiva sobre tudo que fazem, o que acarreta um impacto positivo no desenvolvimento social.

Militamos, ainda, pelo uso da abordagem *bottom-up* para a materialização das práticas esportivas no ambiente escolar, pois quando utilizada na quadra de aula tem como essência a valorização das

³ Abordagem bastante utilizada na área da saúde coletiva, que significa entender a ação comunitária como de extrema importância tanto para o processo de resoluções de problemas individuais como coletivos direcionados ao processo saúde/doença. Ver em: Becker, D. et al. *Empowerment* e avaliação participativa em um programa de desenvolvimento local e promoção da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9 (3): 655-667, 2004.

⁴ Igualmente utilizado pela área da saúde coletiva para designar programas de saúde que desenvolvem suas ações de forma verticalizada, que propõem ações a partir de decisões institucionalizadas, focalizadas em questões de prevenção de doenças em oposição à mudança de comportamento. Para esses programas, o *empowerment* é visto como instrumental. Ver em: Becker, D. et al. *Empowerment* e avaliação participativa em um programa de desenvolvimento local e promoção da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9 (3): 655-667, 2004.

manifestações corporais que se encontram na escola e no universo mais amplo, e almeja à ampliação dos gestos corporais e à participação dos alunos no decorrer das atividades propostas. O professor, ao longo de sua prática educativa, busca superar a prática do movimento pelo movimento, do jogo pelo jogo e apoiar-se numa concepção em que as necessidades humanas, bem como o mundo vivido pelos educandos, sejam problematizados. As necessidades humanas florescerão do mundo da vida, que é formado no contexto das ações e situações e que fornecerá subsídio de investigação dos temas a serem trabalhados no decorrer do processo educativo.

Se concebermos *empowerment* na perspectiva dos estudos de Vasconcelos (2004), que implica no aumento do poder e da autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daquelas submetidas à discriminação e dominação social, podemos inferir que o *empowerment* de professores contribui para o tão sonhado processo de legitimidade da Educação Física enquanto componente curricular escolar e transformação didática do esporte. Ao fazerem a transição da consciência ingênua para a crítica, os professores de Educação Física perceberão que a legitimação pedagógica de uma disciplina passa por um processo que vai além de uma determinação da lei, e compreenderão que o conjunto de suas aulas ministradas para uma dada série no decorrer de um ano letivo de 200 dias, só será significativo se for capaz de, minimamente, possibilitar o estabelecimento de nexos entre o conhecimento e a sua construção social. Ou seja, o conhecimento deve contribuir para a compreensão da vida vivida em sociedade.

Da mesma forma que ao induzir à autorreflexão, por meio da pedagogia do esporte, os alunos poderão perceber a coerção auto-imposta de que padecem, e passarão a dissolver o “poder” ou a “objetividade” dessa coerção e assumirão um estado de maior liberdade e conhecimento de seus verdadeiros interesses, ou seja, esclarecimento e empoderamento (KUNZ, 2006).

Acreditamos que o *empowerment* de professores e alunos por meio da pedagogia do esporte será possível no momento em que o ensino dos esportes nas aulas de Educação Física Escolar ultrapassar o desenvolvimento de técnicas, habilidades e destrezas motoras do esporte, e for fomentado um processo educativo em que os conhecimentos teóricos e práticos possibilitem o desvelamento do fenômeno esportivo pelos alunos, levando-os a praticar o esporte de acordo com suas possibilidades e necessidades (KUNZ, 2006).

Se analisarmos a problemática da busca por legitimidade da Educação Física a partir do *empowerment* de professores, e entendermos o seu significado numa perspectiva freireana em que concebe que a ação local fornece a possibilidade de alianças políticas, capazes de ampliar o debate da opressão no sentido de contextualizá-las e fornecer a sua compreensão como fenômeno histórico, estrutural e político, certamente afirmaríamos que se em suas ações pedagógicas diárias, os professores de Educação Física desenvolvessem práticas esportivas de cunho interdisciplinar, contribuiriam de forma mais precisa para a construção de um tecido pedagógico social fortalecido pelas interações que promovam a problematização dos elementos da cultura corporal presente em todos os componentes do currículo escolar.

No nosso entender, professores empoderados, são professores conscientes de seu fazer social. São conscientes de que o ser humano se faz humano apropriando-se da humanidade produzida historicamente. Nesse sentido, os professores compreendem que reconhecer a historicidade do ser humano significa, em se tratando do trabalho educativo, valorizar a transmissão da experiência histórico-social e do conhecimento socialmente existente (DUARTE, 2001). Isso significa dizer que,

no ensino do trabalho produtivo de treinar habilidades e técnica — que nunca deixam de ser importantes — devem ser considerados dois outros aspectos que, em muitas instâncias, são mais importantes. Trata-se da interação social que acontece em todo processo coletivo de ensinar e aprender, mas que deve ser tematizada enquanto objetivo educacional que valoriza o trabalho coletivo de forma responsável, cooperativa e participativa. E enquanto esse processo se desenvolve sob a orientação de uma didática comunitária, o

outro aspecto a ser considerado é a própria linguagem. Na Educação Física a tematização da linguagem, enquanto categoria de ensino, ganha maior importância, pois não só a linguagem verbal ganha expressão, mas todo o ‘ser corporal’ do sujeito se torna linguagem, a linguagem do “se-movimentar” enquanto diálogo com o mundo (KUNZ, 2006, p. 37).

Infelizmente, no campo da Educação Física Escolar as práticas corporais realizadas quase sempre desconsideram o aluno como sujeito histórico e o conhecimento como um instrumento socialmente construído. De acordo com Sadi (2010), a prática esportiva no ambiente escolar, por falta de fontes teórico-práticas fidedignas, quase sempre é não inclusiva, alienante e garante a perpetuação de preconceitos sexistas. Para o referido autor, o ensino dos jogos populares, esportivos, olímpicos e não olímpicos sem dúvida pode se constituir como um meio eficaz de inclusão, de instigação do aluno como sujeito da procura, da decisão, da ruptura, da opção, desde que não esteja desatrelado da prática pedagógica, isto é, da realidade da Educação Física. Para isso, professores e alunos precisam perceber as origens da alienação e os determinantes da dominação que socialmente é imposta pelo ensino de algumas modalidades esportivas e buscar caminhar no sentido contrário desse discurso fragmentador e alienador do movimento corporal e da autorreflexão na quadra de aula. Portanto, o ensino do esporte na quadra de aula deve ser compreendido como uma via que tanto pode levar a uma falsa consciência, como pode provocar o *empowerment* de professores e alunos.

Com base nesse ponto de vista, é possível pensar a prática esportiva no interior da escola como um espaço legítimo para o exercício do agenciamento e *empowerment* dos alunos, já que o esporte é um instrumento particularmente sensível para contribuir para a quebra de paradigmas e para a transição para paradigmas mais igualitários, mais ‘andróginos’, ou talvez avançando no sentido de uma despadrãoização corporal e, por extensão, cultural (ADELMAN, 2006; NETO 2009).

Para isso, é indispensável que o professor problematize, ao longo de suas aulas, as influências políticas e ideológicas presentes em cada modalidade esportiva, assim como as influências contemporâneas agregadas à prática esportiva. Com essas problematizações faz-se necessário que professores e alunos pensem na estruturação de um ensino dos esportes pautado num currículo cultural da Educação Física, que tem como objetivo o reconhecimento da cultura esportiva da comunidade em que a escola está inserida, promovendo desta forma a justiça curricular, a descolonização da prática esportiva na escola e a ancoragem social dos conhecimentos socialmente produzidos mediante a prática esportiva.

Este fazer problematizador permite que o ensino do esporte no ambiente escolar caminhe no sentido contrário ao imobilismo do pensamento, à reprodução do movimento e à disciplina do corpo. E se detenha em refletir sobre o movimento humano de forma dinâmica e contextualizada.

Porém, não estamos aqui afirmando que o *empowerment* de professores e alunos por meio da pedagogia do esporte é possível mediante alternativas reformistas, ou com mudanças metodológicas. Nossa intenção é unicamente provocar reflexões que levem os profissionais da Educação Física a perceberem que a prática esportiva na quadra de aula deve orientar-se a partir de mudanças estruturais profundas em relação aos objetivos que se pretende com determinada modalidade, com o planejamento das atividades e a coerência entre a ação e a reflexão, que deve ser iniciada pela própria postura do educador diante da comunidade de interferência (CORREIA, MIRANDA, VELARDI, 2011).

Portanto, o *empowerment* do professor por meio da pedagogia do esporte acontece quando as concepções e valores referentes ao ensino das modalidades esportivas se alteram e, conseqüentemente, o efeito dessa mudança possibilita a criação e a recriação do ensino do jogo calcado no conhecimento. Assim sendo, o *empowerment* docente exige mudança do enfoque educacional, que não é simplesmente mudar o método ou a técnica,

não é substituir a diretividade pelo espontaneísmo, pois não acreditamos em uma mudança programada, e sim, em uma mudança paradigmática.

Neste viés é preciso que, no momento do planejamento das atividades esportivas, as teorias de base que norteiam os conteúdos e a própria visão de mundo do professor sejam verbalizadas, para que os alunos possam compreender suas escolhas teóricas e metodológicas, relativizá-las e se posicionar diante delas. Para Freire (1997), a organização sistemática das intenções educacionais é o passo inicial para as ações pedagógicas que objetivam a construção da cidadania e da autonomia.

Nossas experiências docentes nos dão o entendimento que o desenvolvimento do *empowerment* de alunos no decorrer das aulas de Educação Física decorre, entre outras coisas, da possibilidade de decidir, em cada situação, pela opção que for julgada pelo sujeito como a mais adequada. Para tanto, o aluno precisa dispor de um leque de opções que, como vimos, depende de poder deparar-se com situações diversas e, de preferência, perceptivamente diversificadas. “Precisamos de uma Educação Física que, antes de tudo, respeite e considere o aluno em relação ao seu conhecimento, às suas potencialidades, ao seu contexto sócio-cultural, às suas exigências, aos seus desejos e anseios e também à sua saúde” (TOLEDO; VELARDI; NISTA-PICCOLO, 2009, p. 23).

Precisamos de um ensino que possibilite a libertação do aluno de falsas ilusões, de falsos interesses e desejos, de uma pedagogia esportiva que seja fundamentada numa concepção libertadora de ensino que leve o aluno a compreender a estrutura autoritária dos processos institucionalizados da sociedade, processos esses que formam as falsas convicções, interesses e desejos e ajudam a manter as contradições e injustiças sociais (KUNZ, 1994; DARIDO, 2003). Alunos empoderados realizam as atividades corporais de forma consciente, lutam contra as injustiças sociais e não aceitam a alienação do corpo por meio de gestos padronizados e sem significados aparentes.

Portanto, não há dúvida que, do ponto de vista educacional, utilizar os princípios da abordagem *bottom-up* e os pressupostos da pedagogia do

esporte para trabalhar as modalidades esportivas no ambiente escolar, se constitui em uma via de mão dupla para o processo de *empowerment* de professores e alunos. Nesse sentido, o trato pedagógico atribuído aos esportes e ancorado nas necessidades que florescerão do mundo da vida dos alunos, levará a uma posição de inquietude diante dos fatos sociais, tornando os sujeitos investigadores e, assim, agregando às suas personalidades uma característica crítica, garantindo uma posição de administrar os conteúdos adquiridos para além das regras do jogo e limites da quadra.

REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES...

Ao iniciar este estudo, tinha a convicção que o percurso não seria fácil, pois traria reflexões, questionamentos, discussões, sobre questões importantes para a prática cotidiana dos professores de Educação Física. Ao “finalizá-lo”, o que posso apontar diante dos pressupostos aqui apresentados, é que a Educação Física como “componente curricular integrado ao projeto-político da escola” (LDB nº. 9.394/96), encontra-se amplamente assegurada pela força da lei. Entretanto, seu processo de legitimação no ambiente educativo, necessita do *empowerment* da prática educativa e da operância do discurso dos educadores.

Neste estudo, estou ciente de que a prática esportiva, enquanto manifestação corporal hegemônica nas aulas de Educação Física, poderá se constituir em um caminho para o processo de *empowerment* de professores e alunos. No entanto, acredita-se que o *empowerment* de alunos depende do *empowerment* do professor, uma vez que os processos de empoderamento então intimamente ligados a processos educativos em que a ação dialógica não exclui o debate e o conflito. Ao contrário, o debate e a problematização quanto aos usos do fenômeno esportivo no ambiente escolar, faz com que professores e alunos compreendam a inserção histórica passada, presente e futura do esporte na quadra de aula, e sintam-se motivados e capazes de retroalimentá-lo.

Não há dúvida de que, do ponto de vista educacional, é chegada a hora dos professores de Educação Física descobrirem caminhos democráticos e participativos para desenvolvimento de práticas esportivas verdadeiramente comprometidas com a emancipação social, práticas ideais, mas necessárias e possíveis de serem realizadas e que, pela dinâmica da vida social e escolar se apresentam como ações concretas e inacabadas, portanto imperfeitas e parciais.

O desafio aqui colocado aos professores é de estruturação de um ensino esportivo para todos os níveis. De um processo educativo que permita que ambos — professores e alunos — experimentem o confronto realmente tenso em que de um lado a autoridade ceda lugar à socialização de poder, e do outro, a liberdade para que não se perca o espírito infantil do descobridor, o de se assombrar com as descobertas e o de se surpreender com o diferente. Além disso, que no processo de ressignificação da prática esportiva na escola, todos possam usufruir dos benefícios educacionais incluídos, desde a ênfase na tomada de decisão, resolução de situações problemas, comunicação, companheirismo até o desenvolvimento de habilidades, técnicas e táticas.

Quiçá mediante as reflexões apresentadas no decorrer deste ensaio, os professores de Educação Física possam compreender que o trato pedagógico atribuído aos esportes pode se constituir em caminho mediador para o processo de *empowerment* de seus alunos. Que o reconhecimento da Educação Física, enquanto componente curricular escolar tão importante como os demais componentes da matriz curricular escolar, passa pela ressignificação de sua função social na escola e de sentidos na produção da vida escolar.

Espera-se com o estudo contribuir, se não para uma mudança de paradigma quanto ao uso dos esportes no ambiente escolar, mas, ao menos, para que seja alvo de discussões. Com elas aceitamos as discordâncias e concordâncias, pois, se assim for, já teremos caminhado.

REFERÊNCIAS

BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso, professor?. *Motriz*, v. 1, n. 1, p. 25-31, jul, 1999.

BETTI, M. perspectivas na formação profissional. In: MOREIRA, W. W (Org.). *Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992.

CORREIA, M. S; MIRANDA, M. L. J; VELARDI, M. A prática da educação física para idosos ancorada na pedagogia freireana: reflexões sobre uma experiência dialógica-problematizadora. *Movimento*. Porto Alegre, v. 17, n. 04, p. 281-297, out/dez de 2011.

CORREIA, M. S. *Educação Física Escolar no contexto da Educação Popular na Escola Pública: a construção da realidade desejada na imperfeição do fazer diário*. 243 f. Tese de (Doutorado) - Educação Física, São Paulo, 2013.

DARIDO, S. C. *Educação Física na Escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 2003.

DARIDO, S; JUNIOR, O. S. P. *Para ensinar Educação Física: possibilidade de intervenção na escola*. 6ª. ed. Campinas - SP: Papirus, 2010.

DUARTE, N. *Educação escolar, teoria do cotidiano escolar de Vigotski*. 3ª. ed. re. e ampliada. Campinas, SP. Autores Associados, 2001. (Coleção Polêmicas do nosso tempo, 55).

FREIRE, J. B. *Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 2009.

FREIRE, P. *Educação para a autonomia*. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da Esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GRESPLAN, M. R. *Educação Física no Ensino Fundamental: primeiro ciclo*. 4ª. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. - (Coleção Papirus Educação).

KUNZ, E. *Educação física: ensino e mudanças*. 3ªed. Ijuí: Unijui, 2006.

_____. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: ed. Unijuí, 1994.

LAVERACK, G; WALLERSTEIN, A. planning framework for community empowerment goals within health pro-motion. *Health Policy Plan* 15(3):255-262, jul, 2000.

LOVISOLO, H. R. *SOCIOLOGIA DO ESPORTE: conversando com alunos*. Textos apresentado aos mestrandos em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu - USJT/SP, 2010.

NEIRA, M. G. *A reflexão e a prática no ensino da Educação Física*. São Paulo: Blucher, 2001. - (Coleção a reflexão e a prática no ensino; v. 8).

NETO, V. M. Esporte na escola e esporte de rendimento: Deus e o diabo na terra do sol. In: STIGGER, M. P; LOVISOLO, H. R. (Org.). *Esporte de rendimento e esporte na escola*. Campinas. SP: Autores Associados, 2009. - (Coleção Educação Física e Esportes).

OLIVEIRA, A. A. B. Analisando a prática pedagógica da Educação Física. Londrina. *Afef*, v. 7.n. 13. Jul. p. 11-14, 1992.

REZENDE, H. G. Reflexões sobre algumas contradições da Educação Física no âmbito da Escola Pública e alguns caminhos didático-pedagógicos na perspectiva da cultura corporal. *Movimento*. Porto Alegre, Ano I, Nº, p. 20-28, Set/94.

RODRÍGUEZ, V. G. *O ENSAIO COMO TESE: Estética e narrativa na composição do texto científico*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

SADI, R. S. *Pedagogia do Esporte: descobrindo novos caminhos*. São Paulo: Ícone, 2010.

TANI, G. Esporte, educação e qualidade de vida. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (Orgs.). *Esporte como fator de qualidade*. Piracicaba, SP: UNIMEP, 2002. Cap.3, p. 103-116.

TOLEDO, E; VELARDI, M; NISTA-PICCOLO, V. L. O quê ensinar nas aulas de educação física?. In: MOREIRA, E. C; NISTA-PICCOLO, V. N. (Orgs.). *O quê e como ensinar educação física na escola*. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009. p. 21-25.

VAGO, T. M. *Das estruturas da escola pública: a Educação Física nas séries iniciais no 1º grau*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1993.

VASCONCELOS, E. *O poder que brota da dor e da opressão: empowerment, sua história, teorias e estratégias*. Rio de Janeiro: Ed. Paulus, Rio de Janeiro, 2004.